

DOSSIÊ REBELIÃO SUDANESA: Revolução no Sudão – tudo deve cair!

Por que nos ocultam que no Chifre da África se vive uma primavera política?

O ano passado foi a Etiópia. Uma rebelião juvenil acabou com um governo que havia recorrido à repressão para resolver seus problemas. Agora o Sudão está passando por uma revolução popular. Amanhã pode ser a Eritreia. No Sudão, a população levantou-se contra um regime autoritário nas mãos de um bando de cleptomaníacos que pilharam o país durante trinta anos. Um regime que está sendo financiado pela União Europeia através de milícias que mataram pelo menos 60 manifestantes durante os protestos.

Omar al-Bashir, o Presidente que trocou o seu traje militar por um traje civil assim que chegou ao poder pela força, foi derrubado na semana passada, mas milhares de pessoas continuam sentadas à volta do quartel-general do exército e de poderosos serviços secretos em Cartum, a capital sudanesa. As pessoas não engolem que as coisas mudaram porque substituíram um general por outro. Elas não querem que se repita o que aconteceu no Egito ou no Iêmen durante a Primavera Árabe e é por isso que ainda estão nas ruas. “Tudo deve cair”, gritam elas. É uma tarefa difícil pôr fim ao regime porque a revolução mal está criando os seus líderes e a comunidade internacional não está disposta a facilitar.

Faziam meses desde dezembro, quando em pelo menos 30 locais as pessoas saíram às ruas se manifestar pela falta de pão, literalmente não havia nas padarias – tentando organizar algo semelhante ao que aconteceu no Cairo na Praça Tahrir durante a Primavera Árabe, mas Cartum é diferente. O Nilo branco e o

Nilo azul se encontram ali, atuam como muros naturais que dividem a população. As seis pontes que une as duas margens são os únicos corredores que podem unir as pessoas. Foi fácil para a polícia e para as milícias, as Forças de Apoio Rápidas (RSF), impedir que as marchas diárias se tornassem uma grande demonstração de força. Al-Bashir havia decretado estado de emergência em fevereiro e eles tinham carta branca. Pelo menos 60 pessoas foram mortas pelos disparos da milícia RSF durante os protestos destes meses. As RSF são as milícias contratadas pela União Europeia para fazer o trabalho sujo nas fronteiras e impedir a migração do Chifre de África para a Europa. As milícias foram estabelecidas para integrar os Janjaweed, as milícias árabes criadas por al-Bashir, acusadas de genocídio em Dafur. A Europa está interessada no Sudão porque é um dos pontos críticos da rota de migração do leste e centro da África para o Mediterrâneo e não tem escrúpulos em usar essas milícias criminosas ao seu serviço como a Arábia Saudita faz na guerra do Iêmen .

Em Cartum, as forças de segurança precisavam apenas de uma dúzia de veículos militares para fechar pontes e impedir a convergência dos manifestantes. Mas, no início de abril, a multidão acabou atingindo seu objetivo. O que tinha funcionado até aquele momento parou. As pessoas perderam o medo. Em 6 de abril, uma manifestação conseguiu chegar aos portões da casa de al-Bashir, no complexo onde o exército e a segurança têm seu centro, para entregar a folha com suas demandas: perseguição aos que estavam por trás do golpe de 1989, congelamento das propriedades dos líderes militares e políticos durante os anos que al-Bashir governou, expurgo do sistema judicial e de segurança, entrega do governo de transição a civis enquanto as eleições são realizadas... A conquista deu poder aos manifestantes.

A marcha decidiu fazer um protesto sentado até que eles respondessem positivamente às suas demandas. Foi uma ocupação pacífica e festiva das ruas. Cinco mil começaram, mas

imediatamente as pessoas de fora de Cartum juntaram-se. Agora dezenas de milhares estão participando. Tiveram de resistir aos ataques da milícia e dos soldados. Testemunhas afirmam ter visto 11 caminhonetes com milicianos bem armados pertencentes à milícia RSF. Usaram fogo verdadeiro para reprimi-los. Pelo menos 20 manifestantes foram mortos. Alguns soldados e oficiais do exército não cumpriram a ordem de atirar e se juntaram aos protestos protegendo os manifestantes. Em poucas horas, al-Bashir estava fora do poder. Eles deram um golpe para salvar o regime, evitando um hipotético confronto entre soldados.

Dois dias depois, o Tenente-General. Awad Mohamed Ahmed Ibn Aufel, chefe do poderoso serviço de inteligência e amigo de al-Bashir, que o havia substituído, também estava de fora. As razões são desconhecidas, mas ele não era um Presidente crível. A revolução não o queria e é bem possível que as potências externas tenham decidido o seu destino. No dia 13, o general Abdel-Fattah Burhan, amigo de Riad, chefe das tropas sudanesas na guerra do Iêmen e antigo comandante da RSF, as milícias contratadas pela Europa para proteger a fronteira, tornou-se o homem forte do Sudão. Embora Burhan tenha enviado al-Bashir para a prisão, a ocupação continua. “A cabeça está cortada, mas o corpo ainda está vivo”, disseram os manifestantes aos jornalistas. A revolução quer que os militares regressem aos quartéis e entreguem o poder aos civis. É uma garantia de que o objetivo de acabar com o regime corrupto e repressivo de al-Bashir será alcançado. Eles sabem o que aconteceu no Iêmen ou no Egito durante a Revolução Árabe e talvez esteja acontecendo na Etiópia. As cabeças foram cortadas, mas os regimes continuam.

Al-Bashir chegou ao poder em 1989 numa aliança com o islamista Hasan al-Turabi. Cartum era então ainda uma cidade secular com poderosos sindicatos e partidos políticos, incluindo um importante partido comunista. Ele usou o islamismo radical contra todos eles, aproveitando os centros de educação para

cimentar seu poder. As receitas do petróleo que começaram a chegar nos primeiros anos do século XXI mudaram o país, mas al-Bashir conseguiu adaptar-se. Ele se livrou de al-Turabi e comprou com os dólares que vieram das lealdades dos militares, poderosos senhores locais e classes médias. Alex de Waal chamou-lhe a política do mercado. Os conflitos que existiam em Darfur, na região do Nilo Azul ou no sul da Córdoba foram explorados em benefício econômico de militares e amigos. Nesses anos, 70% do orçamento foi para os militares. As milícias islamistas criminosas por ele criadas para massacrar a oposição durante o período islamista conseguiram ser transformadas em polícias convencionais. Um país pobre conhecia um boom de riqueza, mas 40% dos sudaneses ainda se encontravam na pobreza. Em vez de utilizar o dinheiro para desenvolver a agricultura camponesa – o Sudão tem 200 milhões de hectares de terras aráveis e o direito de utilizar 25% das águas do Nilo – deu aos países do Golfo terras de melhor qualidade, milhões de hectares. Só em 2016, o Sudão entregou à Arábia Saudita um milhão de hectares cultivados por camponeses que foram expulsos de suas terras. Agora, um país que poderia alimentar o Chifre de África explorando o pomar do Nilo não produz farinha suficiente para o mercado interno. Os lucros das exportações vão para as contas dos fundos de investimento árabes. Al-Bhasir cortejou Arábia Saudita e Catar igualmente para evitar depender de um deles, para ambos os lados ele deu-lhes terra. A crise parece estar aproximando o Sudão de Riad com a ascensão ao poder de Burhan, o general que coordenou as tropas sudanesas, incluindo Janjaweedes, no Iêmen, tropas que lutam ao lado dos sauditas contra os huzis.

Durante o boom, Cartum se transformou com edifícios altos e modernos. Foram abertos restaurantes e lojas com produtos importados. O novo consumismo anestesiou a classe média. O que os islamistas não conseguiram terminar, o petróleo o fez. A repressão e o dinheiro fácil pulverizaram a sociedade civil e secular da capital. A ruptura do Sudão em 2011 mudou novamente o país. Deixou al-Bashir sem rendas para fazer as suas compras

no mercado da política. A criação do Sudão do Sul significou perder três quartos da produção petrolífera, 50% do orçamento e 90% das divisas. Desta vez não conseguiu adaptar-se à nova situação. Em 2013, al-Bhasir teve de começar a ajustar a economia de acordo com as recomendações do FMI. Foi o início do fim. Pão e subsídios de combustível desapareceram. As importações entraram em colapso. Pelo menos 170 pessoas foram mortas pelas milícias RSF durante os protestos que se seguiram. A crise econômica que então começou é o que está por detrás da atual insurreição popular. Em 2018, a inflação atingiu 72%. Sem dinheiro para comprar lealdades, al-Bashir começou a perder sua base social. A classe média não tinha gasolina nem dinheiro dos caixas dos bancos, que estavam em falta. O setor popular sentiu falta do pão nas padarias e dos tomates que tinham quadruplicado o seu preço. As pessoas saíram às ruas.

Os protestos começaram espontaneamente, mas um grupo até então desconhecido surgiu como catalisador para eles. A Associação dos Profissionais do Sudão (SPA). A sua identidade é difusa – alguns dos seus líderes ainda estão na clandestinidade -, mas tem certamente uma raiz na tradição dos poderosos sindicatos que al-Bashir destruiu quando chegou ao poder. Há muitos jovens – e especialmente mulheres – profissionais: médicos, professores universitários, professores, arquitetos... O SPA tomou forma na rua. Muitos dos seus ativistas nasceram nos protestos. Os seus nomes não constavam das listas dos aparelhos de segurança e eram capazes de os iludir. Faziam parte da classe média anestesiada que despertou e juntou-se aos protestos populares iniciais pela falta de pão.

O SPA parece firme. Após a nomeação do General Abdel-Fattah, Burhan lançou um apelo para acompanhar e defender a revolução e as suas realizações. Como eles gritam em sua ocupação, se queremos a liberdade “Tudo deve cair”.

Original: [El Viejo Topo](#)